

# Pets

FUDGE, Erica. *Pets*. Buenos Aires: Paidós, 2014. 154p.

Jean Segata

Doutor em Antropologia Social (UFSC)

Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

[jeansegata@gmail.com](mailto:jeansegata@gmail.com)

Em um momento em que as relações entre homens e animais têm se tornado um tema emergente na antropologia, a tradução argentina de *Pets*, de Erica Fudge, chega de modo oportuno e ajuda a cobrir a dimensão específica desses debates.<sup>1</sup> Como se sabe, desde E. E. Evans-Pritchard (2011) com o lugar central que ocupa o gado para o entendimento da organização social e política dos *Nuer*, passando por Lévi-Strauss (2004), Leach (1983) e o papel de certos animais para a formulação de categorias classificatórias e, chegando aos trabalhos de antropólogos contemporâneos, como Philippe Descola (2005), Tim Ingold (1994) ou Eduardo Viveiros de Castro (2002), com trabalhos que têm inspirado discussões sobre o estatuto ontológico de certos animais e a posição que ocupam em relação aos humanos na composição daquilo que costumamos chamar de social, o trabalho de Fudge responde especificamente por aqueles que se têm dito como “mais humanizados” e de convívio mais próximo aos humanos: os animais de estimação ou simplesmente, os *pets*, ainda pouco tematizados na literatura antropológica, exceto talvez pelo clássico *L'Homme et les Animaux Domestiques*, de Digard (1990).

Em *Pets*, o leitor é conduzido a refletir sobre a relação entre humanos e animais em contextos domésticos, a partir de uma questão posta pela própria autora, que atravessa todo o livro: que função cumpre um animal de estimação? Apoiada em autores de diferentes disciplinas, como a antropologia de M. Douglas ou E. Leach, a literatura de J. M. Coetzee ou as filosofias de J. Derrida, D. Davidson, T. Nagel, chegando à sociologia de A. Franklin, o ensaio da autora forma um cenário de disputa onde é constantemente negociada a ontologia do humano e do animal e, por conseguinte, da sua própria relação. Assim, além de uma “Introdução” (cap. 1) onde é exposto o estado da arte desse tema e uma “Conclusão” (cap. 5) que vai, do otimismo em relação aos novos vínculos interespecíficos aos desdobramentos práticos sobre políticas públicas para o controle de população e resgate de animais abandonados, Fudge divide o livro em três capítulos: “Viver com animais domésticos” (cap. 2), “Pensar com os animais de estimação” (cap. 3) e “Estar com animais de estimação” (cap. 4).

O livro não é na sua totalidade apenas sobre pets. Conforme a autora, “contemplar el ser al que llamamos humano es convocar a muchos que non son humanos” (p. 21). Trata-se de uma autopsicanálise: por meio dos *pets*, podemos saber um pouco mais sobre nós mesmos, nossos modos de conceituar o próprio espaço em que vivemos. Isso, mostra Fudge, é possível de ser percebido por diferentes situações onde,

1. Publicado originalmente em 2008 na Inglaterra por *Acumen Publishing Limited*, com o mesmo título da edição em espanhol aqui apresentada.

ainda que algumas das funções desempenhadas em nossas vidas profissionais requeiram grande mobilidade, desprendimento de vínculos com outros humanos, ainda procuramos manter o lar – o verdadeiro lar – que é onde está “o meu mascote”. Ao lado disso, o animal permite discutir a estabilidade da própria ideia de humano; para Fudge, é preciso revisar a ideia simples de humanização deles, afirmando que um animal de estimação é amado porque é um animal e não um humano ou algo humanizado – nesse caso, amar um animal é pôr em descrédito o vínculo com outros humanos. Além disso, conviver com um animal, e não com um outro humano, estabelece uma hierarquia que provê aquilo que A. Franklin chama de “segurança ontológica”:

si el humanismo necesita de los animales para existir, luego, en esa necesidad misma, revela que los seres humanos, después de todo, no están separados de los animales y así queda clara la importancia de los animales domésticos para reflexionar sobre la identidad humana. (1999, p. 50)

Ao longo do livro, é interessante a forma como Fudge desloca a discussão do vínculo entre o humano e o animal em si e o conduz para “o lar”. A problematização da ideia de lar, de um espaço que serve como uma espécie de tradutor de ambos, ou como aquilo que medeia a sua relação, apoia a discussão, que é muito interessante, feita pela autora sobre a ontologia do humano e do animal. Aí, como em outros momentos do livro, Fudge se apoia em novelas, como *Lassie Come-Home* escrito em 1938, por Eric Knight (1981), *Timbuktu* de Paul Auster ou *King*, de

John Berger (1999) – essas duas de 1999. Essas novelas têm em comum enredos que tematizam a agonia em torno de animais de estimação que são separados do lar e assim do convívio de seus companheiros humanos, e cuja “epopeia” é uma longa luta “de volta para casa”. Fudge se refere a isso como “recorrência do mito” que coloca a ideia de lar como central para o entendimento do tipo de vínculo que se estabelece entre *pet* e humanos.

Por fim, ainda que as análises de Fudge sejam bastante fundamentadas teoricamente e pertinentes à colocação de importantes questões sobre os vínculos que se têm estabelecido entre homens e animais em contextos domésticos, a filosofia, lugar de onde escreve a autora, se mostra limitadora do debate, exatamente pelo modo generalista como faz ela abordar o tema. Entende-se, assim, que investimentos etnográficos podem iluminar um tema tão complexo de modo mais concreto e localizado em suas nuances, já que permitiria alternativas às explicações externas e totalizadoras, abusivamente utilizadas no trabalho de Fudge, como “cultura moderna”, “ocidente”, “modo capitalista” ou um “indivíduo em crise”. Tais noções são empregadas como cenários autoexplicativos, produtores de sentido para o fenômeno por ela analisado – o do crescente número de composições humanos-pets. Nesse sentido, mais do que respostas a essas questões, para a antropologia, o trabalho de Fudge fornece importantes pistas para novas investigações sobre esses *universos pet*, que poderiam se somar ao conjunto mais amplo de trabalhos da disciplina, que já vem se dedicando a questões sobre humanos e animais, e formando um campo bastante expressivo na antropologia que se pratica no Brasil.<sup>2</sup>

## Referências

DESCOLA, P. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

DIGARD, J.-P. *L'homme et les animaux domestiques: anthropologie d'une passion*. Paris: Fayard, 1990.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRANKLIN, A. *Animals & modern cultures: a sociology of human-animal relations in modernity*. London: Sage, 1999.

FUDGE, E. *Pets*. Buenos Aires: Paidós, 2014.

INGOLD, T. (Ed.). *What is an animal?* Londres: Routledge,

1994.

LEACH, E. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insultos verbais. In: DAMATTA, R. (Org.). *Edmund Leach: antropologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 78-99.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. *Mana*, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

Data de recebimento da resenha: 18/11/2014

Data de aprovação da resenha: 3/3/2015

2. Ver, por exemplo, além de atividades em eventos de grande porte, como mesas e Grupos de Trabalho nas reuniões da ANPOCS ou da ABA, o aparecimento de revistas com dossiers especiais sobre o tema, como o *Anuário Antropológico* da UnB (2011-2012) ou a *Revista Antropológicas* da UFPE (2013, n. 2), que têm feito aparecer a produção sobre esse tema na antropologia brasileira.